

A invisibilidade dos trabalhadores-comunicadores da comunicação organizacional: uma reflexão inicial¹

João Augusto Moliani²

Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) / Universidade de São Paulo (USP)

Resumo

Este texto pretende desvelar a invisibilidade, na área acadêmica, do trabalho dos profissionais que atuam com comunicação no contexto das organizações, especificamente relações públicas, comunicadores organizacionais e jornalistas/assessores de imprensa. Primeiramente buscamos conceituar o que é o trabalho e realizamos um estudo bibliográfico historicizando o tema e demonstrando a relevância e pertinência da Ergologia para os estudos da área. Depois apresentamos uma pesquisa bibliométrica referente a publicações acadêmicas dos últimos dez anos. O levantamento analisou as principais publicações e eventos da área de comunicação no país. Buscamos identificar a emergência de discussões sobre o trabalho nesses diferentes espaços nos quais se discute a comunicação no contexto das organizações.

Palavras-chave: Assessoria de Imprensa; Assessoria de Comunicação; Comunicação e Trabalho; Comunicação Organizacional; Trabalho.

Introdução

O trabalho, enquanto atividade diferenciadora da condição humana, ganha um sentido ontológico ao destacar o homem dos demais seres vivos que realizam exclusivamente atividades instintivas. Isso se deve ao fato de o ser humano precisar fazer a sua própria existência mediante um permanente fazer-acontecer enquanto o animal apenas deixa sua existência acontecer.

Mesmo quando constrói seu ninho, rechaça ataques, estoca comida ou produz mel é um deixar-acontecer "sancionado biologicamente", para usar a expressão cunhada por Erwin Wexberg e adotada por Marcusse (1998:19). No caso do homem, esse fazer é essencialmente um fazer consciente. Ele tem perante si a finalidade de produzir e conduzir adiante a existência de um mundo apropriado a si, adequando-se a essa finalidade. O trabalho não é, para o homem, uma atividade biologicamente determinada, mas um elemento constitutivo de sua essência e evolução ao longo da história.

¹ Trabalho apresentado no GP Relações Públicas e Comunicação Organizacional, XVII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor adjunto do Departamento de Linguagem e Comunicação (DALIC) da UTFPR e doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM/ECA) da USP.

Também Léontiev defende que é a atividade humana, da qual o trabalho é parte significativa, o que faz a mediação entre o homem e seu meio e que ela tem características específicas que dotam o homem de um psiquismo único. Ele argumenta que, “no mundo animal, as leis gerais que governam as leis do desenvolvimento psíquico são aquelas da evolução biológica; quando se chega ao homem, o psiquismo é submetido às leis do desenvolvimento sócio-histórico” (LÉONTIEV, 1976:61, apud FIGARO, 2008).

No entanto, conceituar o trabalho é uma tarefa árdua, perseguida por diversos pensadores de diferentes matizes. Esses conceitos se relacionam diretamente ao tempo e à cultura da sociedade na qual os estudos são desenvolvidos. Apesar de se poder remontar a questão do trabalho ao início do desenvolvimento da humanidade, para os propósitos deste texto cabe recordar sua ascepção a partir do desenvolvimento industrial.

Com o desenvolvimento mercantil e industrial, o trabalho do homem é apontado como a fonte de toda riqueza social de uma determinada sociedade, gerada a partir do trabalho coletivo que transforma riqueza bruta em produtos e em ganhos (por meio do trabalho excedente). De acordo com Nunes (2005:06), “Adam Smith foi além das várias formas de trabalho concreto que se encontram na vida real, e elaborou uma nova categoria, a de trabalho abstracto”, que dissocia o trabalho daquele que o realiza. A partir daí, passa-se a reduzir tudo o que o trabalho representa apenas à sua dimensão econômica, separando-o de seus sentidos e funções no conjunto da existência humana.

Posteriormente, mas mantendo o conceito de trabalho como sendo algo planejado, como uma atividade dirigida, não-livre, Weber resgata a valorização religiosa do trabalho como a essência da realização pessoal no capitalismo: “Todos devem trabalhar, aceitando o papel social que lhe é reservado, pois vêm de Deus tanto o êxito quanto a miséria” (DIAS, SANTOS e ARANHA, 2015:213). Durkheim, por sua vez, distinguiu diferentes instâncias da vida social e seu papel na organização da sociedade e considerava que a crescente divisão do trabalho, que ocorria em ritmo acelerado na Europa do final do século XIX, poderia servir ao aumento da solidariedade entre os homens (QUARESMA, 2005). Ele buscou apresentar o trabalho como um amálgama social, responsável pela solidariedade e pela integração, elementos que estariam calcados na interação dos indivíduos a partir da divisão do trabalho social.

Uma outra linha de pensamento, que introduz o trabalho como substância do ser humano, vai aparecer no início do século XIX a partir dos estudos de Hegel. Ao defender

que o mundo é resultado do trabalho humano, e que esse mundo se estrutura a partir de uma realidade histórica construída coletivamente. Isso vai servir de base para a perspectiva do materialismo histórico de Marx. Segundo os conceitos marxistas, é a partir da sua capacidade de trabalho que o homem passa a estabelecer relações sociais - dentro e fora do seu micro ambiente - e construir a sua história. Marx assume as características essenciais do conceito de trabalho em Hegel, considerando que o trabalho é um “tornar-se-para-si”, um ato de auto-elaboração. Como afirma Rovida (2012), a partir desses conceitos pode-se partir do pressuposto de que a característica essencial do trabalho é ser a atividade constituinte da identidade humana.

Percebe-se, por este vies, que o trabalho é um componente inseparável da história do homem, resultado direto da dialética entre a sua existência e a atividade técnica. Mas, para compreender o trabalho é preciso retomar a noção de trabalho para além do serviço remunerado, conceito cada vez mais utilizado como referência para trabalho. Pretendemos, como defende Schwartz (2011:20) "buscar a atividade de trabalho por detrás do trabalho", permitindo sua compreensão como atividade laboral e, ao mesmo tempo, momento intelectual e vital em que todo o ser do homem se envolve.

O conceito de trabalho na Ergologia³ emerge a partir da atividade do trabalhador, quando ele empenha todo o seu ser, toda sua história, seus valores e anseios na realização de algo que é prescrito, seja pela organização, seja pela sociedade ou pelos próprios valores do trabalhador, para ser executado de uma dada maneira. A realização dessa atividade não é algo neutro, asséptico ou robotizado, mas vivido intensamente pelo trabalhador.

O que chamamos de trabalho designa uma atividade realizada pelo homem em seu meio-ambiente e que é, ao mesmo tempo, intelectual, por estar atrelada à interpretação e à execução do que é definido em anterioridade àquele momento, e vital, pois é um tempo da vida, conduzido a partir de uma história local e sujeito às apostas e urgências dos protagonistas do trabalhar. Para Schwartz (2000:458) “toda atividade de trabalho é sempre, em algum grau, de um lado descritível como um protocolo experimental e, de outro, experiência e encontro”. Desta maneira é possível colocar o trabalho em outra perspectiva,

³ Segundo Durrive e Schwartz (2008:25), Ergologia “é uma *démarche* que reconhece a actividade como *debate de normas*”. Ela busca desenvolver “dispositivos a três pólos” no campo das práticas sociais com a finalidade de elaboração de saberes formais. Seus estudos estão calcados em uma dupla confrontação: a primeira sendo a dos saberes entre si e a segunda sendo a confrontação dos saberes com as experiências de atividade, concebidas também como matrizes de saberes.

para além da sua significação econômica, possibilitando reconhecer outras dimensões que muitas vezes são invisibilizadas diante do protagonismo que a ótica econômica passou a ter.

Uma atividade industriosa

Tal compreensão começa por reconfigurar o termo trabalho, apresentando-o como “atividade industriosa”, designação que vem representar o que se convencionou chamar de 'eterno debate' existente entre as normas, as prescrições do trabalho e as ações do trabalhador em atividade. É um debate pois se considera que cada trabalhador renormatiza⁴ seu meio de trabalho e seu meio de vida de modo a se colocar no centro de sua própria história (SCHWARTZ, 2006).

O termo atividade significa a colocação plena do sujeito em movimento no trabalhar, inclui seu corpo e sua mente, bem como sua história e suas experiências. A expressão industriosa, também relativa ao ato de trabalho, à atividade orientada para uma finalidade, é usada aqui no sentido de mestria, de habilidade. Considera-se como “atividade industriosa⁵” a forma como o trabalhador usa de si para atingir os objetivos.

Para Schwartz (1998), é a partir dessa atividade que se estabelecem as relações sociais, dentro e fora de um ambiente formalizado. E se partirmos do pressuposto da característica essencial do trabalho como atividade humana "é possível esboçar as relações entre trabalho e formação das identidades sociais" (ROVIDA, 2012:04).

O conceito de "atividade industriosa" busca ampliar outras perspectivas muito caras ao mundo do trabalho como as de trabalho concreto e trabalho abstrato, as de trabalhos prescrito e real, originárias da ergonomia e desenvolvidas por Alain Wisner e o próprio conceito de trabalho mercantil enquanto definição de trabalho "strictu senso".

Foram os ergonomistas que identificaram o *gap* existente entre o trabalho que é prescrito, descrito para ser aplicado, e o trabalho real, o efetivamente realizado. Essas prescrições, representadas por manuais, instruções, notas técnicas, regras de gestão, etc são absolutamente necessárias para o desenvolvimento da atividade pois, ao mesmo tempo que constroem e restringem a ação do sujeito, o autorizam a realizar a tarefa. Essa atividade,

⁴ Como renormatização compreende-se a adaptação que todo trabalhador faz das normas e prescrições à realidade do trabalho em execução, possibilitando que se enfrente os imprevistos e instabilidades do cotidiano laboral, os chamados “furos da norma”.

⁵ Considera-se o termo industriosa, relativo ao ato de trabalho, no sentido de mestria, habilidade. “O termo industrioso é voluntariamente vago para evitar a palavra trabalho de que se faz uma representação demasiada rápida”. (DURRIVE & SCHWARTZ, 2008:26)

no entanto, não será realizada como se o trabalhador fosse um autômato e nem de forma autônoma, mas de uma maneira singular a partir de inúmeras e sucessivas renormalizações.

Segundo Schwartz e Durrive (2007:69), “existem sempre defasagens, era preciso (para os ergonomistas) reconhecer filosoficamente que a vida ultrapassa sempre, infinitamente, os conceitos que os homens forjaram para pensá-la”. Quando se analisa o trabalho em seu aspecto singular percebe-se que ele não é resultado da aplicação direta do que foi prescrito. “A situação real é sempre diferente daquilo que foi antecipado pelo prescrito” (idem:68).

O trabalhador passa então a ser percebido como elemento central e o trabalho passa a ser visto como a gestão que ele realize do que acontece entre as normas antecedentes e o real do trabalho. É algo que ocorre entre o corpo e a alma, entre o consciente e o inconsciente, entre o biológico e o cultural, explica Schwartz (2006).

Não obstante vivermos em um mundo dominado por normas, com forte expectativa de resultados, essa gestão do uso de si, ocupa uma espaço significativo. Ela torna-se cada vez menos visível, menos palpável, mas sem dúvida faz parte da atividade de trabalho. Todo trabalho comporta essa parte invisível, que fica à espera de uma eventual elucidação por parte daquele que trabalha e que irá cobrir, de forma quase inaparente, os furos das normas. Redescobrir essa parte invisível é contribuir para ampliar a definição do que seja trabalhar e dar densidade ao trabalho, à atividade industriosa, impossível de ser descrita sem se considerar quem trabalha.

O trabalho em comunicação no contexto das organizações

A primeira etapa na busca por conhecer – e reconhecer - o trabalho dos profissionais de comunicação em agências e assessoria de imprensa foi ver como ele é percebido pelos pesquisadores brasileiros. Para isso fizemos levantamentos dos artigos publicados em revistas acadêmicas das principais instituições de ensino do país e em anais dos eventos de divulgação científica da área. Consideramos que investigar a última década (2006-2016) seria suficiente.

Na adaptação da arquitetura bibliométrica para este estudo estabelecemos os seguintes passos: a) Definição da forma de busca e quais seriam as bases de dados; b) Consulta e verificação dos dados; c) Leitura dos resumos (e dos textos, quando necessário) e classificação; d) Análise dos dados.

Para fins de identificar as tendências da discussão sobre o trabalho na área de relações públicas e comunicação organizacional, foram escolhidas as revistas acadêmicas com Qualis

B1, A2 e A1 pelo CNPq⁶ e os livros editados pela Abrapcorp na série Pensamento e Prática. Primeiramente foram analisados os índices das revistas e livros e buscamos identificar nos títulos dos artigos elementos que nos remetessem ao trabalho na área de relações públicas, comunicação organizacional e/ou assessoria de imprensa. O mesmo critério, pelo mesmo período, foi adotado com os congressos. Nos anais dos congressos da Intercom, ao invés de busca por palavra-chave, buscamos analisar os títulos dos artigos veiculados no Grupo de Pesquisa (GP) em Relações Públicas e Comunicação Organizacional, por considerar esse o espaço mais adequado para tal discussão.

Nos eventos da Abrapcorp (2007 a 2016), inicialmente procuramos nos Grupos de Trabalho (GT) de 'Teorias, história e metodologia dos estudos em Comunicação Organizacional e Relações Públicas' e de 'Gestão, processos, políticas e estratégias de comunicação nas organizações' nos anos 2007 a 2010. Em 2011 e 2012 os GT's foram mudados para Mesas Temáticas e nós analisamos os títulos e resumos de todos os trabalhos veiculados nesses dois anos. Em 2013, com a edição de um livro com os anais do evento, buscamos identificar primeiramente pelos títulos os textos que tratavam da questão do trabalho e depois fazíamos a confrontação com o resumo⁷.

Foram selecionados para compor essa amostra 56 textos. Não foram considerados os que tratam do trabalho - e dos trabalhadores - em sua dimensão instrumental, como um elemento manipulado pelas organizações com o apoio da comunicação. Também não entraram seis estudos sobre o trabalho em outras áreas da comunicação, como jornalismo, publicidade e ciências da informação.

Esses textos foram separados em diferentes categorias: Primeiramente destacamos os que apontavam as tendências na área com análises e coletadas de dados sobre a pesquisas na pós-graduação e grupos de pesquisa (07). Depois os que mostravam resultados de pesquisas junto aos profissionais que atuam no exercício direto da profissão, envolvidos no fazer cotidiano (14). Um outro grupo com 15 textos reuniu os que abordavam as prescrições

⁶ Comunicação & Sociedade (UMESP), Comunicação, Mídia e Consumo (ESPM), Comunicação Midiática (UNESP), Conexão: Comunicação e Cultura (CECC/UCS), Contemporânea (UFBA), Contracampo (UFF), ECCOM -Educação, Cultura e Comunicação (FATEA), Em Questão (UFRGS), Estudos em Jornalismo e Mídia (UFSC), Famecos: Mídia, Cultura e Tecnologia (PUC-RS), Fronteira: Estudos Midiáticos (UNISINOS-RS), Galáxia (PUC-SP), Revista Intercom (INTERCOM), Líbero (FCL), Matrizes (ECA-USP), Organicom (Gestcorp-USP) e Rumores (ECA-USP), além da Revista Internacional de Relaciones Públicas.

⁷ Também foram feitas buscas nos anais dos congressos da Compós no GT 'Comunicação em Contextos Organizacionais' que esteve ativo de 2011 a 2014, mas não obtiveram resultado positivo para esta temática

ou comportamentos recomendados para quem atua na área. Outros 14 textos foram reunidos sobre o trabalho e suas mutações e os trabalhadores em geral, considerando que estabelecem alguma relação com a comunicação ou processos comunicacionais.

Análise dos dados.

Como primeira categoria definimos estudar os relatos que revelam as pesquisas das pesquisas, compostos por textos que fazem o mapeamento em termos de tendências de estudos a partir da produção científica em comunicação no país.

A primeira pesquisa que encontramos foi desenvolvida por Kunsch (2006) e demonstrava que estava em curso uma mudança no perfil da pesquisa na pós-graduação com mais foco em estudos teóricos e críticos do campo, em pesquisas empíricas e menos dedicados a demonstrar o “como fazer”. Levantando a “produção científica em comunicação organizacional e relações públicas no Brasil”, Scroferneker et all (2014) evidenciaram as tendências temáticas nos encontros anuais do NP/GP Relações Públicas e Comunicação Organizacional dos congressos da Intercom no período de 2001/2013 e constataram serem "poucos os artigos abordando/discutindo/refletindo sobre o ensino e o mercado profissional de Relações Públicas (...)"⁸.

Também chegaram a essa conclusão Haubrich e Freitas (2014:1294), para quem “os estudos da área da comunicação acerca da temática proposta são recentes, restritos e centralizados”. Elas estudaram, de 2003/2013, os grupos de pesquisa do CNPQ, o banco de teses e dissertações da Capes e os artigos do GT de Relações Públicas e Comunicação Organizacional” dos congressos da Intercom.

Em uma extensa pesquisa sobre a produção científica em Comunicação Organizacional e Relações Públicas no período de 2000/2014 nos programas de pós-graduação do Brasil, Kunsch (2015) demonstrou que a abrangência temática e a exploração de temas contemporâneos "expressam a sintonia dos autores e seus respectivos orientadores com assuntos que estão em voga na sociedade, no mundo corporativo e na administração pública”. No entanto, o trabalho não é um desses temas contemporâneos. Resultado semelhante teve Scroferneker et all (2016; 2016b) ao apontar as tendências de pesquisa na pós-graduação, demonstrando a sintomaticidade da ausência do trabalho dos jornalistas, relações públicas e comunicadores organizacionais nos debates da área.

⁸ No texto não há indicação da página onde se encontra a citação.

A compreensão sobre o trabalho de quem atua na comunicação em contextos organizacionais não está presente nos estudos já realizados na área e o que os textos acima nos mostram é que não há interesse em compreender como é a atividade de trabalho de quem atua no dia-a-dia da profissão.

A preocupação com a prescrição

Uma outra categoria de textos que identificamos foi a dos que buscam recomendar ou prescrever comportamentos, formas de agir - ou ver as coisas - e atitudes aos profissionais em seu cotidiano. Destacamos alguns artigos com maior ênfase ao tema, apesar de podermos encontrar prescrições em grande parte dos textos pesquisados. O dever ser e o como fazer apontado pelos pesquisadores são recorrentes nos estudos e compõem o que chamamos de normas antecedentes do exercício profissional.

Também percebe-se, nesse grupo, a tentativa de um distanciamento da prescrição direta e uma busca por conceituações teóricas para dar sustentação ao trabalho dos comunicadores. Kunsch (2006:38) defendeu que era necessário "trabalhar conceitualmente o lado pragmático de sua utilidade na consecução dos objetivos organizacionais". Por sua vez Andreucci Júnior (2006) aponta as necessárias características comportamentais do profissional e as funções ditadas pelo Conferp como as que devem ser realizada.

Moura (2009) fala em reflexões sobre as práticas e definições operacionais das atividades. Oliveira (2010), apoiada na Aberje, apresenta normas gerais e genéricas da profissão no Brasil e no mundo. Rebechi (2015) demonstra que os institutos promotores da racionalização do trabalho contribuíram para a produção e disseminação de uma "forma correta" de se fazer comunicação, que deveria ser seguida pelos profissionais de comunicação no contexto das organizações, fazendo uma crítica ao modelo adotado.

Rebechi (2007) e Marchiori (2010) apresentam como deve funcionar os processos de comunicação, aquela problematizando de modo mais crítico esses processos e esta indicando como devem ser seguidos. Bueno e Porém (2016) defendem ser o papel do comunicador estimular e desenvolver a capacidade dos trabalhadores entender e lidar com problemas de comunicação.

Percebe-se que há uma preocupação em indicar como os comunicadores devem proceder, como devem agir e quais parâmetros devem adotar. A tendência nos estudos que envolvem o trabalho é voltar-se para o que é prescrito, o que está registrado, formalizado em livros e que pode ser reproduzido. Por ser registrável e visível ele pode ser transcrito. Mas há um outro lado do trabalho, da ordem do real, dificilmente visto ou expresso. É

preciso conciliar ambos para se compreender o que é trabalhar com comunicação no contexto das organizações.

A voz dos trabalhadores

Nos textos que apresentam resultados de pesquisas que envolveram comunicadores também há limitações, não obstante os consideramos significativos pois foram realizados a partir de pesquisas empíricas em que foram ouvidos os profissionais que atuam no cotidiano da profissão. Percebe-se, porém que na oitiva dos profissionais não se vai além da descrição das tarefas.

Compreendemos que é bastante difícil falar sobre o trabalho. Quando se pede a alguém para falar dele, corremos o risco da não compreensão ou da dificuldade de expressão daquilo tudo que se faz no momento do trabalho. Normalmente o que se relata é o trabalho prescrito, a tarefa, que, em geral, ganha o protagonismo na fala e não o trabalho real.

Ana Maria Córdova Wels pesquisou as práticas profissionais e o processo comunicacional na esfera pública estadual do Rio Grande do Sul e os respondentes apontaram que suas rotinas são compostas de diferentes tarefas, mas sem que se preocupassem em afirmar tudo o que é gerido e feito para que elas sejam executadas

"criação e implantação de programas de apresentação das instituições; organização e acompanhamento de reuniões internas; organização e execução de festividades e homenagens; elaboração e manutenção de cadastro de datas alusivas; elaboração de programas de comunicação interna; confecção e distribuição de boletim informativo interno; manutenção de quadro mural; divulgação interna sobre participação da instituição na mídia; organização e manutenção de arquivo de fotos da instituição, além de planejamento e execução de malas diretas institucionais; elaboração e manutenção de mailing; (...)". (WELS, 2006:155)

Tuzzo e Mainieri (2011:233), ao buscarem dar "um olhar sobre a prática de assessorias de comunicação em Goiás" expuseram as tarefas executadas, que "se resumem à produção de clipping, atualização do site ou portal, atendimento à imprensa". Bona (2008:08) abordou as possibilidades de desenvolvimento e atuação profissional que os comunicadores têm nas organizações não governamentais, em que "todos desempenham diversas funções". Em trabalho contíguo, sobre as práticas de comunicadores de movimentos sociais em ambiente digital, Bona e Bonin (2014) retrataram que o processo de atualização e de trabalho ocorre de maneira automática. Foram estes últimos os que mais se aproximaram da descrição da atividade de um profissional da área⁹.

⁹ Tangenciando as discussões sobre trabalho, Dornelles e Casagrande (2008) e Terra e Dreyer (2016) não abordam diretamente as práticas laborais em relações públicas e comunicação organizacional, mas as terminologias, as nomenclaturas e sub-nomenclaturas utilizadas para definir seus cargos.

Entre as pesquisas que envolveram os trabalhadores, foram identificados dois outros grupos. Um deles buscou investigar quais são os valores expressos no trabalho e o ethos profissional¹⁰ e o outro buscou retratar o perfil dos profissionais¹¹. O que se depreende dessas pesquisas é que, mesmo indo a campo para compreender o que fazem os comunicadores no contexto das organizações, não é possível compreender efetivamente como é o trabalho desses profissionais. As respostas ficam na superfície da atividade, normalmente voltadas para a descrição das tarefas. Faltam nas descrições desses profissionais todo o empenho intelectual e físico e o enfrentamento das dramáticas cotidianas do uso de si por si mesmo e do uso de si pelos outros, que são questões obnubiladas nas pesquisas que encontramos.

Não que a tarefa não seja significativa, pelo contrário, pois o universo da tarefa compreende as características do produto a transformar ou do serviço a prestar, os elementos a considerar para atingir os objetivos. Mas, de acordo com Guérin et al (2001:14) “existe uma razão para não confundirmos a tarefa com o trabalho, que é o fato de ela não poder antecipar a atividade de trabalho, ou seja, “a maneira como os resultados são obtidos e os meios utilizados”. Para compreender essa outra parte do trabalho é preciso compreender a atividade, ou seja, o real do trabalho.

Considera-se como "atividade" a forma como o trabalhador usa de si para atingir os objetivos. Para toda atividade há uma tarefa mais ou menos pré-definida. A tarefa e a atividade são aspectos distintos mas complementares do trabalhar. "Essa dimensão contempla desde o funcionamento muscular, os gestos e deslocamentos, até aspectos psíquicos como as relações de prazer e sofrimento. Em termos mais amplos ela pode ser descrita como o conjunto dos fenômenos que caracterizam o ser vivo cumprindo atos" (ABRAHÃO et al, 2009:52).

Este estudo não é seminal

¹⁰ Barros Filho e Meucci (2006) ouviram os comunicadores sobre a transparência e a neutralidade nas comunicações dentro das organizações e suas questões éticas; Dantas (2011) investigou os jornalistas que atuam simultaneamente em assessorias de imprensa e veículos de comunicação e Silva e Andrade (2014) identificaram o ethos multifacetado dos relações públicas enquanto mediadores sociais.

¹¹ Athaydes et al (2013) e Athaydes e Becker (2016) buscaram traçar o perfil do profissional, no primeiro caso com foco em liderança, no segundo como parte de uma pesquisa internacional.. Velloso e Yanaze (2014) fizeram esse tipo de pesquisa com viés voltado para a compreensão das tecnologias da informação e Carramenha (2016) descreveu o perfil dos comunicadores gestores de equipes nas organizações.

Por fim, nós identificamos neste estudo, um grupo de artigos que aborda questões relacionadas ao mundo do trabalho, buscando identificá-lo com a área de comunicação, e os categorizamos diferentes grupos. O primeiro deles discute formas e métodos de se analisar o trabalho, como Figaro (2014) que defende a triangulação metodológica em pesquisas sobre a comunicação no mundo do trabalho, Vilaça (2009) e Schmitz (2014) buscam a Ergologia como método para compreender a comunicação no contexto das organizações e Haubrich (2014) apresenta a compreensão do trabalho como uma dimensão da comunicação organizacional. O segundo grupo buscou estudar o sujeito da comunicação em sua subjetividade. Sóló (2006), Sóló e Ramos (2007) e Oliveira e Silva (2015) se dedicaram a pesquisar o sofrimento psicológico do trabalhador.

Um terceiro grupo contém vozes mais críticas à forma como a comunicação organizacional se apresenta e busca enfatizar as diferenças entre a comunicação no mundo do trabalho, que é mais ampla, plural e humana, e a que é realizada pelas organizações, a partir das premissas de atendimento dos interesses da gestão. Estão nesses grupo Figaro (2008), Rebechi (2009), Oliveira (2014) e Mumby (2010).

Por fim, há um outro conjunto de textos que aborda as transformações sociais e econômicas, em especial após a reestruturação produtiva, e seus efeitos sobre os trabalhadores em geral e suas relações com as organizações¹².

Percebe-se, finalmente, que o mundo do trabalho está presente nos estudos veiculados nos grupos de pesquisa, congressos e revistas voltados à comunicação organizacional e relações públicas. No entanto, não vimos sinais de que haja disposição para a compreensão do trabalho daqueles que atuam na comunicação no contexto das organizações. É preciso chamar atenção para essa lacuna, tanto nos estudos sobre relações públicas e comunicação organizacional quanto nos voltados ao mundo do trabalho.

Comunicação e trabalho

Acreditamos que está na hora do campo da comunicação se colocar para explicar a realidade em que vivemos e trazer à cena o quanto é redutora e dogmática a visão funcional que se tem da atividade de trabalho. O trabalho, que enquanto atividade humana ganha um

¹² Fonseca (2006) apresenta o impacto do capitalismo e das novas tecnologias nas organizações, em especial na organização jornalística, Ferreira (2010) aborda as mutações identitárias das organizações e dos trabalhadores na contemporaneidade e Curvello (2010) procura a relação entre autonomia e interdependência nas relações de trabalho em tempos da nova cultura do capitalismo.

sentido ontológico ao destacar o homem dos demais seres vivos, é a referência dos sujeitos sociais e, junto com a comunicação, assume aspectos centrais em suas vidas, mediando seu olhar no mundo. Os estudos dirigidos para a compreensão do mundo do trabalho dos comunicadores podem possibilitar o entendimento dos dilemas das mudanças que estão ocorrendo na sociedade e na comunicação e o impacto que isso tem sobre o trabalhador e sobre sua atividade. Uma atividade de trabalho que é exercida em novos cenários de ressignificações profissionais.

Para isso, no entanto, é preciso ressignificar a atividade de trabalho para que ela deixe de ser vista como um procedimento mecânico de aplicações de normas e prescrições dadas a partir das formações universitárias, das entidades de classe ou das organizações em que se atua. Trabalhar é uma relação singular com o mundo na qual o trabalhador jamais realize exatamente aquilo que o mandam fazer, nem tampouco faz exatamente aquilo que previu fazer (SCHWARTZ & DURRIVE, 2007).

Estudar a comunicação no mundo do trabalho possibilita “entender a partir de que valores as pessoas fazem suas escolhas; como se constituem as redes de ajuda e solidariedade na resolução de problemas e tarefas. É, ainda, compreender como o mundo do trabalho transborda de seu meio e abarca outros espaços sociais, tais como a casa, o bairro, a mídia, etc” (FIGARO, 2009:38).

A análise das situações de trabalho pela comunicação torna possível a observação e a compreensão do sujeito que trabalha, das redes que possibilitam que se trabalhe e da formação de conjuntos de coletivos, uma vez que trabalhar é sempre trabalhar com o outro. Esse processo efetiva-se por meio da comunicação e da linguagem e envolve a relação com o outro, a consideração do outro, e a auto-constituição do sujeito.

De acordo com Figaro (2011), por meio da articulação entre comunicação e trabalho reconhecem-se os sujeitos da comunicação e como eles estão inseridos na sociedade. Apesar de o trabalho estar intrinsecamente ligado à lógica capitalista de produção de riquezas, ele não deixa de ser, por excelência, uma atividade humana, colocando-se como o fator que permite ao homem alterar a realidade na qual se insere.

Considerações finais

Neste texto nós buscamos demonstrar o quão relevante é a dimensão do trabalho é para o ser humano. Fizemos isso a partir de um resgate histórico abordando algumas das

principais correntes de pensamento e nos aliamos à compreensão de que o trabalho deve ser compreendido a partir da atividade do trabalhador.

Considerando o trabalho a partir desse ponto de vista, buscamos identificar nos textos apresentados em anais de congresso e revistas da área o que se compreende por trabalho na comunicação que ocorre no contexto das organizações. Apesar de haver diversos trabalhos que incorporam discussões sobre o mundo do trabalho, não identificamos um interesse significativo da academia em compreender o trabalho do comunicador no contexto das organizações. Esse indicativo é preocupante, uma vez que é a compreensão do trabalho que possibilita o seu desenvolvimento tanto em termos prescritivos quanto em termos práticos que resultem em melhores atuação profissional e condições de vida.

Os profissionais que estão em agências e assessorias têm vivido uma profunda mutação das suas rotinas de trabalho e das modalidades de realização de seus produtos. Atualmente, nas assessorias, “exige-se cada vez mais do jornalista o domínio de diferentes meios e linguagens, de uma ampla gama de ferramentas das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC’s) e que eles sejam capazes de transitar entre variados assuntos” (REBECHI, 2014:27). De acordo com Mafei (2007:43), “ainda que a assessoria de imprensa seja exercida por um jornalista, esse profissional deverá desenvolver competências em outros terrenos.”

Estamos convencidos que não há como avançar nos estudos dessa área sem que seja considerado o lado do trabalhador e para isso é preciso ouvi-lo e ver de perto o que se passa em sua atividade. Ao não estudar o trabalho, se reduzem as possibilidades de desenvolvimento da prática profissional e da prática formativa, podendo-se provocar desvios na formação dos futuros trabalhadores.

Referências

- ABRAHÃO, J., SZNELWAR, L.I., SILVINO, A., SARMET, M. e PINHO, D. **Introdução à ergonomia: da prática à teoria**. São Paulo: Blucher, 2009
- DIAS, D.S., SANTOS, E.H., ARANHA, A.V.S. **Contribuições da ergologia para a análise da atividade de trabalho docente**. In: Revista Eletrônica de Educação, v. 9, n.1:211-227, 2015.
- DURRIVE, L. e SCHWARTZ, Y. **Revisões temáticas: glossário da Ergologia**. In: Revista Laboreal, v. 4, n. 1:23-28, 2008.
- FIGARO, R. **Atividade de Comunicação e de Trabalho**. In: Revista Educação e Saúde, v. 6 n. 1:107-145, mar./jun., Fundação Oswaldo Cruz: Rio de Janeiro, 2008
- _____. **Comunicação e Trabalho: binômio teórico produtivo para as pesquisas de recepção**. In: Revista Mediaciones Sociales. Vol 4. Madri-Espanha, 2009.

- _____. **A abordagem ergológica e o mundo do trabalho dos comunicadores.** In: Revista Trabalho, Educação e Saúde (Online), Vol. 9, supl. 1. Rio de Janeiro, 2011.
- GUÉRIN, F. KERGOULEN, A., LAVILLE, A., DANIELLOU, F. e DURAFFOURG, J. **Compreender o trabalho para transformá-lo. A prática da ergonomia.** São Paulo: Blücher, 2001
- MAFEI, M. **Assessoria de imprensa - como se relacionar com a mídia.** São Paulo: Contexto, 2007.
- MARCUSE, H. **Cultura e Sociedade -Volume 2** - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- NUNES, A.J.A. **A filosofia social de Adam Smith.** In: Revista eletrônica Prima Facie - ano 4, n. 6, jan/jun, 2005.
- QUARESMA, S.J. **Durkheim e Weber: inspiração para uma nova sociabilidade, o neotribalismo.** In: Revista Eletrônica Em Tese, vol. 2, n. 1, jan-jul:81-89, 2005.
- REBECHI, C. N. **Prescrições de comunicação e racionalização do trabalho: os ditames de relações públicas em diálogo com o discurso do IDORT (anos 1930-1960).** São Paulo: USP, 2014. 351 p. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação - Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo, SP, 2014.
- ROVIDA, M. F. **A centralidade do trabalho na formação das identidades sociais e suas implicações nas pesquisas em comunicação.** In: XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Fortaleza (CE), 2012.
- SCHWARTZ, Y. **Os ingredientes da competência: Um exercício necessário para uma questão insolúvel.** Educ. Soc., Campinas, v. 19, n. 65, Dec. 1998.
- _____. **Trabalho e uso de si.** In: Revista Pro-posições. Vol. 1, n. 5 (32), julho, 2000
- _____. **Entrevista.** In: Revista Trabalho, Educação e Saúde. Vol. 4, n. 2:457-466, 2006.
- _____. **Conceituando o trabalho, o visível e o invisível.** in Revista Trab. Educ. Saúde, Rio de Janeiro, v. 9, supl. 1:19-45, 2011
- SCHWARTZ, Y. e DURRIVE, L. **Trabalho & Ergologia.** Rio de Janeiro: Eduff, 2007.

Apêndice: Relação dos textos consultados para a pesquisa.

- ANDREUCCI JR, S.J. **A atuação do profissional de Relações Públicas em pequenas e médias empresas.** In: In: Revista Brasileira de Comunicação Organizacional e Relações Públicas (Organicom), Vol 3., n. 5, 2006
- ATHAYDES, A.S., BECKER, G.H., COGO, R.S., FURLANETTO, M. e OLIVEIRA, P.R.N. **Liderança em relações públicas e comunicação: uma análise quantitativa da opinião dos profissionais brasileiros.** In: XXXVI Congresso de Ciências da Comunicação DT3 GP RP e Comunicação Organizacional, Manaus (AM), 2013
- ATHAYDES, A.S. e BECKER, G.E.H. **Monitor latinoamericano de comunicação 2014/2015: Fragmentos da realidade de profissionais de relações públicas e comunicação corporativa no Brasil.** In: XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação DT 3 - GP RP e Comunicação Organizacional, São Paulo (SP), 2016
- BARROS FILHO, C. e MEUCCI, A. **O valor no comunicador organizacional: tangências éticas e epistemológicas,** in *Conexão-Comunicação e Cultura*, UCS, Caxias do Sul, v.5, n.9, jan/jun. 2006.
- BONA, N. **O papel do comunicador nas ongs sociais.** In: XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, NP Relações Públicas e Comunicação Organizacional, Natal (RN), 2008
- BONA, N. e BONIN, J.A. **Práticas de comunicadores de movimentos sociais que atuam no ambiente digital: explorações empíricas no processo de construção de uma pesquisa.** In: Revista Fronteiras - estudos midiáticos. Vol. 16, N. 2 - mai/ago 2014
- BUENO, D.A. e PORÉM, M.E. **O profissional de comunicação na contemporaneidade: potencializando a consciência comunicativa nas organizações.** In: XXXIX Congresso de Ciências da Comunicação DT3 GP RP e Comunicação Organizacional, São Paulo (SP), 2016.
- CARRAMENHA, B. **Transformadores, articuladores e executores: os perfis dos profissionais de comunicação interna na indústria brasileira.** In: [Anais do] X ABRAPCORP (Congresso Brasileiro Comunicação Organizacional e Relações Públicas): comunicação, economia criativa e organizações / org: Luiz Alberto de Farias, Valéria de Siqueira Castro Lopes. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.
- CURVELLO, J.J.A. **Um olhar comunicacional sobre a autonomia e a interdependência nas relações de trabalho.** In: A comunicação como fator de humanização das organizações. Margarida Maria Krohling Kunsch (org). São Caetano do Sul (SP): Difusão Editora, 2010.
- DANTAS, J.B.A. **A visão do jornalista assessor de imprensa acerca de suas práticas: aproximações entre a comunicação organizacional e o jornalismo.** In: XXXVII Congresso de Ciências da Comunicação DT3 GP Relações Públicas e Comunicação Organizacional, Foz do Iguaçu (PR), 2014
- FERREIRA, N. T. **As mutações identitárias das organizações e dos trabalhadores na contemporaneidade.** In: XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação DT 3 - GP RP e Comunicação Organizacional, Caxias do Sul (RS), 2010

FIGARO, R. **A triangulação metodológica em pesquisas sobre a comunicação no mundo do trabalho.** In: Revista Fronteiras, São Leopoldo (RS), Vol. 16, n. 2, (2014).

FIGARO, R. e GROHMANN, R. **O jornalista como receptor-trabalhador: confronto da atividade real de comunicação e trabalho.** In: Revista Estudos de Jornalismo e Mídia, Vol. 10, n. 1, 2013

_____. **Capitalismo e novas tecnologias na indústria de notícias.** In: Revista Líbero, São Paulo (SP), Ano IX, n. 18, dez/2006

HAUBRICH, G.F. **Trabalho: uma dimensão da comunicação organizacional.** In: XXXVII Congresso de Ciências da Comunicação DT3 GP Relações Públicas e Comunicação Organizacional, Foz do Iguaçu (PR), 2014

HAUBRICH, G.F. e FREITAS, E.C. **Estudos sobre relação comunicação e trabalho: reflexões e contribuições.** In: Anais do VIII ABRAPCORP 2014 - Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e Relações Públicas/ org. Cláudia Peixoto de Moura, Zilda Aparecida Freitas de Andrade, Ana Lúcia Coelho Romero Novelli.– Porto Alegre : EDIPUCRS, 2014.

KUNSCH, M.M.K. **Gestão das Relações Públicas na contemporaneidade e a sua institucionalização profissional e acadêmica no Brasil.** In: Revista Brasileira de Comunicação Organizacional e Relações Públicas (Organicom), Vol 3., n. 5, 2006

_____. **A produção científica em comunicação organizacional e Relações Públicas nos programas de pós-graduação no Brasil: identificação, políticas e tendências.** In: XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação DT 3 - GP Relações Públicas e Comunicação Organizacional, Rio de Janeiro (RJ), 2015.

MARCHIORI, M. **Os desafios da comunicação interna nas organizações.** In: Rev. Conexão, Caxias do Sul (RS), V. 9, n 17, 2010.

MOURA, C.P. **O profissional cultivado para os campos de Relações Públicas e de Comunicação Organizacional.** In: In: Revista Brasileira de Comunicação Organizacional e Relações Públicas (Organicom), Vol 36., n. 10/11, 2009

MUMBY, D.K. **Reflexões crítica sobre a comunicação e humanização nas organizações.** In: A comunicação como fator de humanização das organizações. Margarida Maria Krohling Kunsch (org). São Caetano do Sul (SP): Difusão Editora, 2010.

OLIVEIRA, M.C. **O papel das relações de comunicação na construção do sentido do trabalho.** In: XXXVII Congresso de Ciências da Comunicação DT3 GP RP e Comunicação Organizacional, Foz do Iguaçu (PR), 2014

OLIVEIRA, M.C. e SILVA, C.A.L. **Sofrimento e comunicação no mundo do trabalho.** In: XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação DT 3 - GP RP e Comunicação Organizacional, Rio de Janeiro (RJ), 2015

OLIVEIRA, P.R.N. **O profissional de relações públicas no ambiente corporativo global.** In: In: Revista Brasileira de Comunicação Organizacional e Relações Públicas (Organicom), Vol 7., n. 13, 2010

_____. **A gestão da comunicação no processo de racionalização do trabalho: os ditames de relações públicas no Brasil e na França (anos 1930-1960).** In: In: Revista Brasileira de Comunicação Organizacional e Relações Públicas (Organicom), Vol 312., n. 23, 2015

_____. **A comunicação no ambiente de trabalho: reflexões sobre os preceitos da Aberje no campo da comunicação organizacional no Brasil (1980-2006).** In: XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Santos (SP), 2007.

_____. **Comunicação nas relações de trabalho: análise crítica de vozes da comunicação organizacional no Brasil.** In: XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, NP RP e Comunicação Organizacional, Curitiba (PR), 2009

SCHMITZ, V.R. **Comunicação organizacional e ergologia no trabalho associado.** In: XXXVII Congresso de Ciências da Comunicação DT3 GP Relações Públicas e Comunicação Organizacional, Foz do Iguaçu (PR), 2014

SCKROFERNEKER, C.A.A. **A produção científica em comunicação organizacional e relações públicas no Brasil - Algumas aproximações.** In: XXXVII Congresso de Ciências da Comunicação DT3 GP RP e Comunicação Organizacional, Foz do Iguaçu (PR), 2014

SCROFERNEKER, C.A.A., ANDREONI, R., GOMES, L.B. e MORAES, F.L. **Apontamentos de uma pesquisa: O “estado da arte” da comunicação organizacional no Brasil.** In: XXXIX Congresso de Ciências da Comunicação DT3 GP Relações Públicas e Comunicação Organizacional, São Paulo (SP), 2016.

SCROFERNEKER, C.A.A., ANDREONI, R. e GOMES, L.B. **O “estado da arte” da comunicação organizacional: apresentações preliminares.** In: [Anais do] X ABRAPCORP (Congresso Brasileiro de Comunicação Organizacional e Relações Públicas): comunicação, economia criativa e organizações / org: Luiz Alberto de Farias, Valéria de Siqueira Castro Lopes. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.

SILVA, D.R.S. e ANDRADE, E.S.M. **O ethos multifacetado das relações públicas e suas implicações na atuação como mediador comunitário.** In: Anais do VIII ABRAPCORP 2014 - Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e Relações Públicas/ org. Cláudia Peixoto de Moura, Zilda Aparecida Freitas de Andrade, Ana Lúcia Coelho Romero Novelli.– Porto Alegre : EDIPUCRS, 2014.

SOLIO, M.B. **A subjetividade dos sujeitos como componente da comunicação organizacional.** In: XXIX Congresso de Ciências da Comunicação DT3 GP RP e Comunicação Organizacional, Brasília (DF), 2006.

SÓLIO, M.B. e RAMOS, R. **O sujeito organizacional visto pela complexidade da psicanálise.** XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, NP Relações Públicas e Comunicação Organizacional, Santos (SP), 2007

TUZZO, S.A. e MAINIERI, T. **Pesquisa empírica em Comunicação Organizacional e Relações Públicas: proposta metodológica e olhar sobre a prática de assessorias de Comunicação em Goiás.** In: Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação São Paulo, v.34, n.1:233-252, jan./jun. 2011.

VELLOSO, V.F. e YANAZE, M.H. **O perfil do comunicador organizacional e sua visão sobre a interface da comunicação com a área de tecnologias da informação.** In: Anais do VIII ABRAPCORP 2014 - Cong. Bras. Comunicação Organizacional e Relações Públicas/ org. Cláudia Peixoto de Moura, Zilda Aparecida Freitas de Andrade, Ana Lúcia Coelho Romero Novelli.– Porto Alegre : EDIPUCRS, 2014.

VILAÇA, W.P.T. **A comunicação no mundo do trabalho.** In: Anais do VIII ABRAPCORP 2009 - Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e Relações Públicas – São Paulo (SP), 2009.

WELS, A.M.C. **Estudo sobre assessorias de comunicação social na esfera pública estadual: práticas profissionais e processo comunicacional.** In Revista Brasileira de Comunicação Organizacional e Relações Públicas, Vol. 3, n. 4, 2006.